

# Hesitação e referencialidade no discurso de um sujeito com doença de Parkinson

(Hesitation and referentiality on a Parkinsonian's discourse)

Roberta Cristina Rodrigues Vieira<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

robertacriv@yahoo.com.br

**Abstract:** Understanding the hesitating phenomenon as being part of the heterogeneity of the language, we have as purpose to observe the way the hesitating marks work when it comes to the subject construction. We used parts of a conversation session between an interviewer and a parkinsonian individual. It was possible to notice that difficulty is a subject that covers the session, being used the term 'difficult' as one of the individual's manners to mark it by means of linguistic structures. What should be highlighted is that the biggest percentual of occurrences of hesitating marks was when the term "difficult" was related to the difficulties that the individual attributes to the Parkinson's disease. We may think that the difference of the percentual of hesitating marks indicates distinct forms of materialization of the negotiations between the individual and his ways of representation of the other(s) at the discourse surface.

**Keywords:** Hesitation, Parkinsons' disease, discourse, utterance.

**Resumo:** Entendendo o fenômeno hesitativo como característico da heterogeneidade da linguagem, temos como proposta observar como marcas hesitativas funcionam em relação à construção do referente. Utilizamos trechos de uma sessão de conversação entre um documentador e um sujeito parkinsoniano. Foi possível notar que a dificuldade é um referente que recobre a sessão, sendo o uso do termo "difícil" uma das maneiras de o sujeito marcá-lo lingüisticamente. Digno de destaque é que há maior percentual de ocorrências de marcas hesitativas quando o termo "difícil" se relaciona com as dificuldades que o sujeito atribui à doença de Parkinson. Podemos pensar que a diferença percentual de marcas de hesitação indicia formas distintas da materialização das negociações entre o sujeito e suas formas de representação do(s) outro(s) no fio do discurso.

**Palavras-chave:** Hesitação, doença de Parkinson, discurso, enunciação.

## Introdução

De acordo com Marcuschi (2006), a hesitação é um fenômeno textual-discursivo que atua no plano do processamento, não sendo, portanto, uma disfunção do falante. Para este autor, no que diz respeito ao processamento textual, as hesitações estão relacionadas com o planejamento lingüístico e são "índícios de dificuldades de processamento cognitivo/verbal localizado na estrutura sintagmática" (MARCUSCHI, 2006, p.63).

Ainda segundo Marcuschi, a hesitação tem como característica básica o fato de constituir rupturas na fala, embora esse fato não indique perda da fluência, uma vez que, para o autor, a fala, mesmo com hesitações, pode continuar fluente. Apesar de constituir rupturas na materialidade lingüística, o autor afirma que as hesitações não se distribuem aleatoriamente na estrutura organizacional do enunciado, mas obedecem a princípios

gerais de distribuição. Marcuschi aponta, ainda, como algumas razões que levam a hesitar, a construção de estruturas e a identificação de referentes.

As considerações desse autor acerca das hesitações foram realizadas no interior de uma perspectiva textual-interativa, que se apóia na “concepção de linguagem como uma forma de ação, [...] como manifestação de uma competência comunicativa, definível como capacidade de manter a interação social, mediante a produção e entendimento de textos que funcionam comunicativamente.” (JUBRAN, 2006, p.28). A linguagem, no interior desta perspectiva é vista, portanto, como atividade de interação social, sendo o texto o produto dessa interação.

Marcuschi observou, no interior dessa perspectiva, que as hesitações teriam um caráter sócio-cognitivo, uma vez que indicam processos cognitivos e estratégias de elaboração lingüística. Cabe, portanto, ressaltarmos a pertinência dos estudos do autor, acerca das hesitações, no interior do recorte teórico por ele efetuado.

No entanto, outros autores, como Chacon e Schulz (2000) e Nascimento (2005)<sup>1</sup>, entendendo o fenômeno hesitativo a partir de um outro olhar teórico, afastam-se de teorias como a de Marcuschi e rompem a) com o fato de a hesitação, analisada principalmente em relação a aspectos formais e/ou funcionais, ser entendida como uma ruptura na linearidade material da língua e b) com a concepção de que a hesitação seria um indício de problemas no planejamento cognitivo da linguagem.

O contexto geral no interior do qual se baseiam tais autores é o dos estudos enunciativo-discursivos desenvolvidos especialmente por Authier-Revuz, sobretudo (apoiada em Bakhtin) no que diz respeito a uma constituição dialógica dos enunciados.

Segundo Bakhtin (2000), quando um locutor termina seu enunciado, para dar a palavra ao outro, espera deste uma atitude responsiva ativa. O enunciado, visto como uma atitude responsiva é, nessa perspectiva, considerado como uma resposta a enunciados anteriores, dentro de uma cadeia enunciativa. Seguindo as concepções do autor, Authier-Revuz (1990) considera que nenhuma palavra é neutra; pelo contrário, é atravessada por outros discursos, o que leva essa autora a atribuir um caráter heterogêneo à linguagem.

Assim, com base em Authier-Revuz (1990), as hesitações são concebidas não apenas como fatos da materialidade lingüística dos enunciados, mas, sobretudo, como uma forma da heterogeneidade mostrada, ou seja, como índice da materialização das negociações entre o sujeito e suas formas de representação do outro, no fio do discurso.

De acordo com Nascimento e Chacon (2007):

[...] as hesitações se constituiriam em momentos de tensão com foco em vários elementos envolvidos no processo discursivo, ou seja, [...] elas marcariam momentos em que a negociação com outros específicos estaria sendo problemática para o sujeito, alterando a unicidade (aparente) do discurso (NASCIMENTO E CHACON, 2007, p. 08).

---

<sup>1</sup> Os autores citados estudam as hesitações em sujeitos com diagnóstico neurológico de doença de Parkinson, doença descrita como uma alteração do sistema extrapiramidal, na qual há redução dos neurônios dopaminérgicos da substância negra (MACHADO, 1993; SAMII, NUTT E RANSON, 2004).

Retomando as concepções de Marcuschi (2006) a respeito das hesitações, o autor as considera como um indício da atividade de planejamento lingüístico e aponta, conforme mostramos anteriormente, como algumas razões que levam a hesitar, a construção de estruturas e a identificação de referentes.

Com base em uma concepção enunciativo-discursiva, entendendo o fenômeno hesitativo como característico da heterogeneidade da linguagem, ou seja, numa outra perspectiva em relação a Marcuschi, a hesitação não caracterizaria somente a busca de um referente, mas ocorreria em um momento de tensão no qual o próprio referente seria um Outro conflitante para o sujeito. Com base nesta concepção a respeito do fenômeno hesitativo, buscaremos, neste trabalho, observar como marcas hesitativas funcionam em relação à construção do referente.

Nosso ponto de partida é a idéia de que a referenciação é um processo discursivo, criado na dinâmica interacional, de modo que os referentes são considerados como objetos-de-discurso (JUBRAN, 2006, p.35). É pelo processo de referenciação que Marcuschi e Koch (2006) entendem uma maneira de ver o real que não coincide exatamente com o real. Há, de acordo com os autores, uma reelaboração do real que se dá no discurso.

Ainda a respeito da referenciação, mais especificamente sobre o conceito de referente, iremos nos basear em Pêcheux, para quem o 'referente' (contexto, situação na qual o discurso aparece) [seria] um objeto imaginário, do ponto de vista do sujeito, e não da realidade física (PÊCHEUX, 1990).

## **Metodologia**

### **O banco de dados**

Os dados analisados neste trabalho são parte do material reunido no projeto, em andamento, *Atividade discursiva oral e escrita de sujeitos parkinsonianos: formação de um banco de dados*<sup>2</sup> que tem como proposta obter registros de sessões de conversação entre um documentador e sujeitos com doença de Parkinson, bem como entre um documentador e sujeitos sem diagnóstico de lesão neurológica. Além das sessões de conversação, são também reunidas amostras de escrita, versando sobre diferentes temas. O objetivo maior do projeto é formar um banco de dados para estudos dos aspectos enunciativo-discursivos da linguagem.

O projeto de formação do banco de dados faz parte do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem* (GPEL/CNPq) que desenvolve pesquisas propondo uma intersecção entre conhecimentos oriundos das áreas médica, fonoaudiológica e lingüística em suas investigações. A busca dessa intersecção explica a preocupação do Grupo em coletar dados de sujeitos com e sem lesão neurológica.

Com relação às amostras de conversação, foram propostas conversas a respeito do cotidiano dos sujeitos, com duração aproximada de 40 minutos cada sessão. Todas as

---

<sup>2</sup> Projeto desenvolvido com apoio CNPq, Processo 401675/2004-1.

sessões foram registradas em gravação digital de áudio e vídeo e foram transcritas com base nos trabalhos de Pretti & Urbano (1988), Marcuschi (1998) e Koch (2000)<sup>3</sup>.

É importante salientar que as normas de transcrição utilizadas para elaboração do banco de dados foram propostas para a transcrição das entrevistas coletadas pelo Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta), complementadas pela proposta de Marcuschi (1998) para o estudo das hesitações. A escolha pela norma de transcrição adotada é de grande relevância, pois, como aponta Marcuschi (1998), a transcrição dos dados já é, por si, uma primeira análise dos dados. Vista como uma etapa prévia da análise dos dados, as normas de transcrição do corpus falado trazem, portanto, subsídios da posição teórica assumida.

Embora as normas escolhidas para transcrição dos dados do banco não tenham sido propostas para o mesmo objetivo do Projeto NURC, e pertençam, conforme apontamos, a uma perspectiva teórica distinta da que assumimos neste trabalho, tais normas possibilitam a descrição de elementos conversacionais, bem como a identificação de aspectos da hesitação.

### **Sessão de conversação e sujeito da pesquisa**

Neste trabalho serão discutidos trechos de uma sessão de conversação entre um documentador (JN) e um sujeito parkinsoniano (NL).

O sujeito NL, sexo masculino, tinha 59 anos na época em que a coleta da sessão selecionada foi realizada. NL é mestre de obras e foi aposentado após o diagnóstico neurológico de doença de Parkinson.

É possível notar que a dificuldade é um referente que recobre toda a sessão de conversação, o que é observado especialmente pela identificação de um tópico principal, presente durante a maior parte da sessão. Trata-se das dificuldades que o sujeito observa em si mesmo e que atribui à doença de Parkinson. Alguns aspectos narrados pelo sujeito são a dificuldade ao caminhar; a redução de visitas a familiares, atribuídas ao cansaço e às dificuldades relacionadas ao caminhar; problemas relacionados à alimentação, devido, segundo o sujeito, a dores no estômago causadas pela medicação antiparkinson.

Outros assuntos encontrados na sessão de conversação dizem respeito ao estudo de NL e às atividades profissionais desenvolvidas pelo sujeito, antes de sua aposentadoria. Durante o desenvolvimento desses assuntos, o sujeito se posiciona de uma outra maneira, salientando os aspectos positivos de seu trabalho. No entanto, ainda é possível notar que a dificuldade é um aspecto presente nesses momentos.

Considerando a dificuldade como um referente que recobre toda a sessão de conversação, notamos que uma das maneiras de o sujeito marcá-la lingüisticamente é pelo uso do termo “difícil”, que também é freqüente na sessão. Pretendemos explorar, neste trabalho, o uso do termo “difícil” em contextos tópicos diferentes, correlacionado com a ocorrência ou não de marcas hesitativas.

---

<sup>3</sup> De acordo com as normas de transcrição + corresponde a pausa, ? corresponde a entoação interrogativa, (( )) corresponde a comentários do transcritor, : corresponde a alongamentos, / corresponde a truncamentos, ( ) se refere a momentos de fala ininteligível para o transcritor ou a dúvida na transcrição, [ ] corresponde a sobreposição de vozes.

## Resultados

Durante a sessão de conversação selecionada, que, como informamos anteriormente, apresenta cerca de 40 minutos, o sujeito NL utiliza, durante quinze (15) vezes, o termo “difícil”. O uso deste termo ocorre:

- relacionado às dificuldades que o sujeito observa em si mesmo e que atribui à doença de Parkinson (DP), como no exemplo abaixo, no qual NL conta à documentadora, JN, que prefere ficar em casa devido às dificuldades para se locomover.

J.N. o senhor não quis ir?

N.L. ++ ((faz movimento para esquerda e para a direita com a cabeça)) ((celular pára de tocar)) é o problema que eu tô te falando né a gente f/ acha difícil ficar no meio do povo

- relacionado a outros tipos de dificuldade, que dizem respeito ao estudo e/ou à profissão de NL, como no trecho que segue, no qual o sujeito fala a respeito do estudo e das dificuldades que muitas pessoas têm para estudar.

N.L. [conforme o emprego] [conforme o em/] + conforme o emprego + con/nu/não dá nem (pro) cê estudar né + pagar o estudo seu ++ que é melhor m:uitas ((incoordenação)) pessoa às vezes ((incoordenação)) trabalhar pra poder estudar né + o dinheiro que ganha vai tudo no estudo + então aí fica difícil + agora quando papai ajuda mamãe aí é bom

Ao observarmos o uso do termo “difícil” em relação ao tipo de dificuldade ao qual está relacionado, notamos que o sujeito, ao tratar das dificuldades relacionadas à doença de Parkinson, utiliza o termo durante seis (6) vezes. Os outros nove (9) usos de “difícil” estão relacionados a outros tópicos.

A tabela abaixo sintetiza a relação entre o uso do termo difícil e o tipo de dificuldade à qual o sujeito se refere:

**Tabela 1. Uso do termo “difícil”.**

Uso do termo difícil	15
Uso do termo relacionado à doença de Parkinson	06
Uso do termo relacionado a outros tópicos	09

Fato interessante observado em toda a sessão de conversação é que, em muitos momentos em que NL utiliza o termo “difícil”, a própria palavra ou os trechos que a circundam (trechos que antecedem ou que sucedem o termo “difícil”) apresentam marca hesitativa.

A tabela que segue sintetiza o uso do termo “difícil” em relação à presença e à ausência de marca hesitativa:

**Tabela 2. Termo “difícil” e marca de hesitação.**

Uso do termo relacionado à DP 06	com marca hesitativa 05	sem marca hesitativa 01
Uso do termo relacionado a outros assuntos 09	com marca hesitativa 02	sem marca hesitativa 07

Ao observarmos a tabela, notamos diferença significativa entre o número de ocorrências de marca hesitativa quando o sujeito se refere às dificuldades relacionadas à

doença de Parkinson (05 ocorrências, entre os 06 usos do termo) e o número de ocorrências de marcas de hesitação quando o termo “difícil” está relacionado a outros tópicos (02, entre as 09 em que o termo é utilizado). Notamos que a ocorrência de marcas de hesitação é bem maior quando o termo difícil está relacionado à condição do sujeito enquanto parkinsoniano. Essa diferença, bastante significativa, merece maior atenção.

Selecionamos, para uma breve discussão, apenas alguns trechos da sessão de conversação, que ilustram o funcionamento encontrado durante toda a sessão. Nos trechos abaixo, o termo “difícil”, bem como as marcas hesitativas que pretendemos destacar, estão marcados em negrito.

- (01) J.N. [tem] que comer umas seis vezes no dia come um pouquinho  
N.L. pior que às vezes tem dia que ( ) ataca e:u ((incoordenação)) passo mal e tem dia que não viu  
J.N. pois é mas quanto [menos o senhor comer] mais vai atacar  
N.L. [igual hoje eu tô bem]  
N.L. + hoje eu tô até bem ++ mais **difícil** pra mim tá sendo andar viu  
J.N. + [é?]

Neste trecho, sujeito e documentador tratavam das freqüentes dores no estômago apresentadas por NL, as quais o sujeito atribui ao uso da medicação antiparkinson. Até este momento, que se dá logo no início da sessão, NL já havia narrado algumas dificuldades que observa em si mesmo e que atribui à doença de Parkinson, como a dificuldade para realizar visitas aos parentes, bem como as dificuldades notadas pelo problema no estômago. Entretanto, é aqui que o sujeito conta o que, segundo ele, mais o incomoda: as dificuldades ao caminhar.

É exatamente no momento em que o sujeito trata da dificuldade que mais o incomoda que usa, pela primeira vez na sessão de conversação, o termo “difícil”. Esse fato é importante por mostrar que o uso desse termo é um modo de o sujeito marcar, lingüisticamente, a relação que estabelece com a dificuldade.

Em outro trecho da sessão de conversação, pouco após a primeira utilização do termo “difícil”, o sujeito marca, novamente, a dificuldade ao caminhar.

- (02) J.N. [e se] + eu não sei explicar pro senhor mas existe mesmo esse relato que/ por exemplo + que a hora que vai passar na por:ta tem dificulda:de que a hora que tem muita gente que fica mais/ + nervoso assim porque né  
N.L. às vezes eu vou andar dou três quatro passos + eh:: normal depois eu já + descontrolo + o passo vai ficando miúdo meu corpo já + cai pra/ + ((durante o silêncio, inicia o movimento de produção do fonema /f/)) frente né ++ então (pra mim) isso é **difícil**

Durante este trecho, observamos, antes da palavra “difícil”, uma marca hesitativa caracterizada pelo início da produção do fonema /f/. É possível notar uma relação fonológica entre o fonema tensionado /f/ e as palavras “frente” e “difícil”, presentes no trecho que sucede a marca hesitativa. Notamos, neste caso, a antecipação, durante a marca hesitativa, de um fonema que é recorrente posteriormente. Uma das possíveis explicações para a tensão no fonema /f/ é o fato de este fonema estar presente em sílabas acentuadas nas palavras “frente” e “difícil”.

Entretanto, podemos notar, neste trecho, uma relação semântica estabelecida entre dois enunciados que estão em conflito: a) o fato “cai pra frente”, a respeito da

postura do sujeito no momento da marcha (ao caminhar) e b) a avaliação que o sujeito faz deste fato, “isso é difícil”.

Seguindo esse raciocínio, podemos pensar que, no momento da marca hesitativa ocorre tensão pela possibilidade de emergência de dois enunciados, sendo que um deles traz exatamente um importante conflito apresentado pelo sujeito durante toda a sessão de conversação: a dificuldade.

Aspecto semelhante é observado no trecho que segue:

- (03) J.N. + quanto mais tempo fica sem comer a hora que vai comer mais vai doer  
N.L. + entendi eu vou falar hum:: **f**/fica **difícil** viu ++ cê não tem vontade de fazer NAda  
J.N. + porque dói demais né?

Aqui, notamos o retorno ao mesmo assunto tratado no destaque 01 – as dores no estômago descritas por NL. No entanto, observamos movimento semelhante ao apresentado no destaque 02 – presença de marca hesitativa (interrupção do /f/) antecedendo o uso do termo “difícil”.

Durante o enunciado de NL notamos várias palavras contendo o fonema /f/ (falar, fica, difícil, fazer), bem como palavras com /v/, fonema que apresenta semelhanças, relacionadas a ponto e modo de articulação, com o fonema tensionado na marca hesitativa (viu, vontade). A tensão ocorre, portanto, num fonema freqüente no interior do enunciado e marca a possibilidade de antecipação do fonema presente no próprio termo “difícil” (nota-se que, assim como no destaque 02, a marca hesitativa ocorre antes do uso de “difícil”).

Podemos notar, além da relação fonológica existente entre o elemento tensionado durante a marca hesitativa e o termo analisado, uma relação semântica, caracterizada pela dificuldade encontrada na condição em que o sujeito se vê. Retomando as palavras de Nascimento e Chacon (2007), notamos, nesse enunciado, que a marca hesitativa representa um momento de tensão “com foco em vários elementos envolvidos no processo discursivo”, sendo possível recuperarmos um momento marcado de negociação do sujeito com um outro específico: a doença de Parkinson.

Situação distinta é observada no trecho seguinte:

- (04) J.N. estudou não? + até que série que ela fez?  
N.L. ++ foi/ + até:: + quarto ano né?  
M.A. até quinta  
N.L. quinta + quinta série  
J.N. + também parou pra casar?  
N.L. não ela já tava parada já  
J.N. ((risos))  
N.L. ++ mas é assim mesmo não ((incoordenação)) (hoje) ((incoordenação)) naquele tempo era mais **difícil** que isso tem + quantos ano? quase trinta anos atrás né + é ( ) trinta anos atrás + cê nem era [nascida]  
J.N. [((tosse))] + trinta anos atrás não era mesmo não  
N.L. pois é + era mais **difícil** viu + J.N.

Neste trecho, ao contrário dos anteriormente apresentados, NL fala a respeito de seu estudo e de sua profissão. Neste recorte, JN e NL falam, especificamente, sobre a esposa de NL (M A) que havia parado de estudar antes de se casar.

NL conta que gostaria de ter cursado faculdade, entretanto, precisou interromper os estudos, durante o colegial, pouco depois de seu casamento. O sujeito conta que, durante a época em que ele e sua esposa estudavam, era mais difícil cursar uma faculdade, em relação às possibilidades oferecidas atualmente.

É possível notar que, durante o desenvolvimento deste tópico, o sujeito se afasta de sua condição de parkinsoniano e a dificuldade passa a ter outro valor. O sujeito trata da dificuldade que a população, de um modo geral, tinha e que ele próprio teve, para realizar seus estudos, fato que ocorreu em um momento muito anterior ao do diagnóstico de doença Parkinson. O termo “difícil” deixa de estar atrelado às dificuldades relacionadas, pelo sujeito, à sua condição de parkinsoniano.

Nesse trecho, exatamente num momento em que a dificuldade não está relacionada a uma limitação do sujeito ou a uma restrição imposta pela doença, relacionando-se a um fato da vida de NL que é anterior ao diagnóstico de doença de Parkinson, não ocorre marca hesitativa nos momentos que circundam o termo “difícil”.

- (05) N.L. + que a coisa mais **diffic:/c:/cil** na obra + é a estrutura da: da: é a fundação entendeu? + é lá dentro do chão + porque não adianta cê fazer pra cima boni:to e: dentro do chão tiver mal feito + que vai acontecer? + as paredes vão trincar + (talvez) vai cair + dá defeito + então o principal é na saída da/da/da construção depois + cê sai pra cima aí cê mais ou menos já  
J.N. ((tossiu)) aí é mais fácil

No trecho em destaque NL tratava de questões específicas de sua profissão, mestre de obras, explicando a JN alguns aspectos da construção civil, incluindo as dificuldades encontradas nesta tarefa.

Podemos notar que, também aqui, NL usa o termo “difícil” e desta vez há marcas hesitativas no interior da própria palavra.

Nesse trecho podemos pensar em um conflito entre pelo menos dois enunciados. Apesar de o sujeito tratar da dificuldade encontrada na construção civil, emerge, no momento da marca hesitativa, o discurso que atravessa toda a sessão de conversação: a dificuldade presente na condição do sujeito, enquanto parkinsoniano. Nesse momento, esta dificuldade, que tenta emergir, é silenciada para que o enunciado em questão, a respeito da profissão de NL, possa ser mantido.

- (06) J.N. ((tossiu)) + a gente não entende nada dessas coisas né eu acho que quando a gente + ir comprar casa essas coisa a gente [tinha que saber] né  
N.L. [justamente + é] + não mas a casa/ + a casa quando ela é nova é **difficil** de cê achar um defeito né + é com o espaço do tempo que ela vai dar problema

Aqui, em um tópico sobre a profissão de NL, notamos que o termo “difícil” é utilizado num outro sentido, contrariando a dificuldade. JN traz a necessidade de o comprador conhecer a equipe responsável pela obra, assim como os riscos de a construção ter problemas futuros, caso tenham ocorrido falhas em sua execução.

NL argumenta que dificilmente são encontrados problemas em construções recentes. A dificuldade está empregada contrariando a presença de problemas.

Neste trecho o termo difícil não se relaciona à dificuldade observada pelo sujeito em si mesmo; o uso do termo se distancia até mesmo do valor negativo que recebeu nos trechos analisados anteriormente.

Observamos que, nesse momento, não há marcas hesitativas antecedendo ou sucedendo imediatamente o uso do termo “difícil”.

## Conclusão

Conforme antecipamos, observamos que a dificuldade é tema presente em toda a sessão de conversação selecionada, sendo o uso do termo “difícil” um dos modos de o sujeito marcá-la. Notamos, no entanto, que a dificuldade, à qual se refere o sujeito, apresenta dois sentidos distintos:

- em um momento, que predomina durante a sessão de conversação, a dificuldade relaciona-se ao modo como o sujeito se vê enquanto parkinsoniano;
- nos momentos em que o sujeito se afasta de sua condição de parkinsoniano, a dificuldade está relacionada a temas como a profissão ou o estudo de NL. É afastada, nesta ocasião, a dificuldade relacionada à limitação que o sujeito vê, em si mesmo, e que atribui à doença.

Ocorre, no texto, uma ruptura temporal, em que o referente “dificuldade” assume diferentes sentidos: marcada pelo passado (a dificuldade antes do diagnóstico de doença de Parkinson) e pelo presente (sentido predominante no texto, da dificuldade após esse diagnóstico)

Tomando os usos do termo “difícil” para referir aos dois sentidos de dificuldade, construídos no texto, notamos diferenças importantes relacionadas ao funcionamento hesitativo, nos trechos que circundam o termo.

Não podemos pensar, portanto, em uma associação direta entre presença de marcas hesitativas e a construção dos referentes. A concepção de Marcuschi (2006), que aponta a identificação de referentes como fator que poderia levar a hesitar, não é suficiente, no interior da perspectiva teórica que assumimos, para entendermos as diferenças no funcionamento hesitativo durante os usos do termo “difícil”, no texto selecionado.

Conforme antecipamos na tabela 02, há maior ocorrência de marcas de hesitação nos momentos em que o termo “difícil” se refere à dificuldade relacionada à doença de Parkinson.

Para explicarmos esse fato, retomamos as concepções de Authier-Revuz, que nos permitem entender as hesitações como índice da materialização das negociações entre o sujeito e suas formas de representação do outro, no fio do discurso.

Retomando o destaque 02, observamos um momento marcado das negociações do sujeito com um elemento que proporciona tensão durante toda a sessão de conversação:

J.N. [e se] + eu não sei explicar pro senhor mas existe mesmo esse relato que/ por exemplo + que a hora que vai passar na por:ta tem dificulda:de que a hora que tem muita gente que fica mais/ + nervoso assim porque né

N.L. às vezes eu vou andar dou três quatro passos + eh:: normal depois eu já + descontrolo + o passo vai ficando miúdo meu corpo já + cai pra/ + ((durante o silêncio, inicia o movimento de produção do fonema /f/)) frente né ++ então (pra mim) isso é **difícil**

Nesse trecho podemos recuperar, a partir da marca de hesitação (interrupção do fonema /f/), a antecipação de um fonema presente no termo difícil, bem como um conflito entre dois enunciados, ambos marcados pela dificuldade. Um enunciado é o próprio fato de o corpo cair pra frente durante a marcha (o caminhar), postura freqüente em sujeitos com diagnóstico de doença de Parkinson. O outro enunciado é a avaliação que o sujeito faz desse fato, “isso é difícil”. Nesse trecho evidencia-se a tensão causada pela imagem que o sujeito tem da própria doença e de sua condição enquanto parkinsoniano.

A imagem construída pelo sujeito da dificuldade que vê em si e que atribui à doença de Parkinson pode ser entendida a partir das considerações de Pêcheux, a respeito dos referentes:

[...] nos processos discursivos [ocorre] uma série de formações imaginárias que designam o lugar que [os sujeitos] atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. [Do mesmo modo] o ‘referente’ (contexto, situação na qual o discurso aparece) pertence igualmente às condições de produção, [...] trata-se de um *objeto imaginário*, do ponto de vista do sujeito, e não da realidade física (PÊCHEUX, 1990, p.82-83).

Essa construção imaginária em torno da doença de Parkinson explica o maior número de marcas de hesitações nos momentos em que o termo “difícil” se refere às dificuldades relacionadas à doença. As marcas hesitativas que circundam o termo “difícil” representam momentos marcados de tensão entre o sujeito e a imagem que este tem da própria dificuldade.

Consideremos, agora, os momentos em que o termo “difícil” é utilizado para referir à dificuldade não relacionada à doença de Parkinson. A análise da sessão de conversação mostra que, nestes momentos, há poucas marcas de hesitação, evidenciando que a imagem construída da dificuldade é outra, bem como também é outra a imagem que o sujeito constrói de si mesmo. Não há, nestas situações, evidência marcada de tensão entre o sujeito e a imagem que ele tem da dificuldade.

Há, no entanto, momentos voltados para o passado de NL, nos quais a imagem do presente vem à tona. Um exemplo é o destaque 05, no qual NL trata de dificuldades relacionadas à profissão e há presença de marcas hesitativas no termo “difícil”:

N.L. + que a coisa mais **difícil**:/c:/cil na obra + é a estrutura da: da: é a fundação entendeu? + é lá dentro do chão + porque não adianta cê fazer pra cima boni:to e: dentro do chão tiver mal feito + que vai acontecer? + as paredes vão trincar + (talvez) vai cair + dá defeito + então o principal é na saída da/da/da construção depois + cê sai pra cima aí cê mais ou menos já  
J.N. ((tossiu)) aí é mais fácil

Nesse trecho, a dificuldade presente no enunciado refere-se à construção civil. Entretanto, podemos pensar que as marcas de hesitação (alongamentos com interrupções no /s/) indicariam um retorno ao sentido conflitante para o sujeito: a dificuldade relacionada à doença de Parkinson.

Durante a ocorrência das marcas de hesitação, ocorre tensão entre os dois sentidos de dificuldade, sendo mantido o sentido referente à profissão de NL. As marcas hesitativas funcionam como indício de um enunciado que é silenciado, contrariamente ao que ocorre no destaque 02, em que a dificuldade, relacionada ao modo como o sujeito se vê, é evidenciada.

Retomando a relação encontrada entre o uso do termo “difícil” – maneira pela qual o sujeito NL marca linguisticamente a dificuldade – e a presença ou a ausência de marcas hesitativas (no próprio termo ou nos trechos que o circundam), concluímos que:

- a) quando o sujeito usa o termo “difícil” em relação com o referente doença de Parkinson, há 05 momentos (83,33%) com presença de marca hesitativa, dentre os 06 usos do termo e
- b) quando o termo está relacionado a outros referentes, ocorrem apenas duas marcas de hesitação (22,22%), dentre as nove vezes em que o termo é utilizado.

Pela análise dos seis trechos, destacados neste trabalho, que representam o movimento observado durante toda a sessão de conversação, bem como pela análise da diferença percentual de marcas de hesitação nos momentos em que o termo “difícil” é utilizado, podemos pensar que as marcas de hesitação indiciam duas formas distintas da materialização das negociações entre o sujeito e suas formas de representação do(s) outro(s) no fio do discurso.

Dito de outro modo, o maior percentual de marcas de hesitação nos momentos em que o termo “difícil” mostra associado com doença de Parkinson indicaria que a doença seria um outro particularmente conflitante para o sujeito, ou seja, as marcas hesitativas mostrariam, de modo exemplar, momentos de tensão entre o sujeito e a imagem que constrói da dificuldade que lhe advém da doença. Inversamente, o menor percentual dessas marcas (ou mesmo sua inexistência) quando o termo “difícil” se associa a outros referentes indicaria momentos de menor tensão entre o sujeito e a imagem que constrói da relação entre sua dificuldade e esses outros referentes (que não a doença de Parkinson) aos quais o termo se mostra associado. Nossos resultados permitem, pois, levantar indícios de que as hesitações não apenas caracterizariam a busca de um referente mas, indo além, caracterizariam relações e modos de negociações entre diferentes referentes num processo enunciativo-discursivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v. 19. p. 25-42, 1990.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. Revisão Marina Appenzeller. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Cap. 3.
- CHACON, L. e SCHULZ, G. Duração de pausas em conversas espontâneas de Parkinsonianos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 39, p. 51-71, jul./dez. 2000.
- JUBRAN, C. C. A S. A perspectiva textual-interativa. In.: KOCH, I.G.V.; JUBRAN, C.C.A.S. (Org.) *Gramática do português falado - construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, vol. I, p. 27-36.

- KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 5a. edição. São Paulo: Contexto, 2000.
- MACHADO, A. B. M. *Neuroanatomia funcional*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1993.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. Fenômenos intrínsecos da oralidade: a hesitação. In: KOCH, I.G.V.; JUBRAN, C.C.A.S. (Org.) *Gramática do português falado - construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, vol. I, p.47-70.
- \_\_\_\_\_ e KOCH, I. V. Referenciação. In.: In: KOCH, I.G.V.; JUBRAN, C.C.A.S. (Org.) *Gramática do português falado - construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, vol. I, p. 381-399.
- NASCIMENTO, J. C. *Fenômeno Hesitativo na Linguagem: um olhar para a doença de Parkinson*. 2005, 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) \_ Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” São José do Rio Preto.
- NASCIMENTO, J. C. e CHACON, L. Hesitação: um indício de autoria na conversação. No prelo.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. Campinas: Editora da Unicamp, cap.3, 1990a.
- PRETI, D. e URBANO, H. (Org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: Projeto NURC, 1988.
- SAMII, A.; NUTT, J. G. e RANSOM, B. R. Parkinson's Disease. *The Lancet*, vol. 363, p. 1783-1793, 2004.